

**DIFERENÇA DISCURSIVA EM ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS:
O SUJEITO ESPERANÇOSO¹**

Thiago André Rodrigues Leite²
Aline Christine Ferreira da Silva³
Ana Flávia de Moura Carvalho⁴
Daiane Raiane de Souza de Jesus⁵

RESUMO: A cidade de Águas Lindas de Goiás, que é uma importante cidade goiana do entorno de Brasília, é constituída por uma grande população de migrantes, configurando-se, a nosso ver, como um lugar propício à produção discursiva diferente. Essa produção diferente é permitida pelo fato de que a língua é um sistema aberto a possibilidades discursivas outras em diferentes condições de produção. Neste artigo, priorizamos palavras diferentes acerca da produção de efeitos de sentido, as quais indiciam certa regularidade discursiva do sujeito que reside em tal cidade goiana. Assim, objetivamos analisar e compreender em que medida certas produções discursivas diferentes, em termos de efeitos de sentido, apontam para um modo de vida de moradores dessa cidade. Para tanto, embasamo-nos na Análise de Discurso desenvolvida pela brasileira Eni Orlandi, para quem o discurso é palavra em movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Diferença discursiva; Esperança.

ABSTRACT: The city of Águas Lindas de Goiás, which is an important city that surroundings Brasília, is constituted by a big population of migrants, configuring itself, in our point of view, as a propitious place to the different discursive production. The different production is permitted because the language is an open system to other discursive possibilities in different conditions of production. In this article, we focus on different words concerning to the effects of meaning. These words indicate a certain discursive regularity from the subject that lives in Águas Lindas de Goiás. Therefore, we aim at analyzing and understanding how certain different discursive productions, considering effects of meaning, show a residents' lifestyle of this city. For this, we base on the Discourse Analysis developed by the Brazilian Eni Orlandi, for whom the discourse is word in movement.

KEY WORDS: City; Discursive Difference; Hope.

¹ Gostaríamos de destacar que este artigo é resultado de uma pesquisa realizada, durante 1 (um) ano, a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica do Ensino Médio, PIBIC-EM, no Instituto Federal de Goiás, IFG, Campus Águas Lindas de Goiás. Essa cidade goiana, a título de curiosidade, está a cerca de 30 km de Brasília, constituindo-se como uma importante cidade do entorno da capital federal, já que é uma das que mais “alimenta” essa capital em termos de fornecimento de mão de obra. Por isso, há um fluxo contínuo de quase 24 (vinte e quatro) horas por dia de “coletivos” (ônibus) que levam e trazem milhares de moradores aguaslindenses.

² Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, UFU. Professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa pelo Instituto Federal de Goiás, IFG, Campus Águas Lindas de Goiás. Email: thiago.leite@ifg.edu.br

³ Estudante do Terceiro Ano do Ensino Médio. Curso Técnico: Vigilância em Saúde. Instituto Federal de Goiás, IFG, Campus Águas Lindas de Goiás. Email: aline.christine63@gmail.com

⁴ Estudante do Terceiro Ano do Ensino Médio. Curso Técnico: Vigilância em Saúde. Instituto Federal de Goiás, IFG, Campus Águas Lindas de Goiás. Email: anaflaviam2000@hotmail.com

⁵ Estudante do Terceiro Ano do Ensino Médio. Curso Técnico: Vigilância em Saúde. Instituto Federal de Goiás, IFG, Campus Águas Lindas de Goiás. Email: rayanedayane0@gmail.com

Introdução

Águas Lindas de Goiás é uma importante cidade do entorno da capital federal, Brasília, sendo constituída, em sua maioria, por uma população de migrantes. Essa cidade goiana configura-se, sob o nosso ponto de vista, como um lugar propício à produção discursiva diferente, o que justifica a importância de olharmos, discursivamente, para a cidade em questão e seus moradores. Tal cidade aglomera um número significativo de moradores que foram sendo, de certa forma, rechaçados de Brasília – dado, por exemplo, o alto custo de vida nesta –, levando-os, de certa forma, a tamponar esse rechaçamento via produções discursivas diferentes em relação à produção de efeitos de sentido. Com isso, entendemos que a mistura de culturas diferentes na referida cidade goiana parece propiciar essas produções diferentes.

A produção discursiva diferente, ou melhor, a diferença discursiva, é permitida pelo fato de que a língua é um sistema aberto a possibilidades outras em diferentes condições de produção. Conforme Orlandi (2005, p. 22), “nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos”. Nenhuma palavra consegue ser e/ou estar “fechada em si mesma”, visto que, ao entrar em “uso”, novos efeitos de sentido são permitidos. Dito de outro modo, nenhuma palavra consegue se defender do homem, que a fere e interfere nela o tempo todo. A palavra só manifesta “vida” porque há ser humano movimentando-a. O discurso, que tem a língua como principal base para manifestação, muda e renova-se constantemente.

Neste artigo, trabalhamos a “forma material da linguagem” – para usar uma expressão de Orlandi (2012) –, posto que, segundo essa autora, “(...) reconhecer a materialidade da linguagem, do sujeito e do sentido (...) significa aceitar a historicidade do sujeito, da linguagem e do sentido” (ORLANDI, 2012, p. 170). Compreendemos que a historicidade mostra que ninguém fala de qualquer modo, pois há uma rede de sentidos afetando todo e qualquer sujeito. Assim, um trabalho com a forma material, ou seja, com a forma histórica da linguagem, implica sujeito e sentido, os quais são efeitos e estão em relação a outros sujeitos e a outros sentidos. Diante disso, priorizamos palavras diferentes em relação à produção de efeitos de sentido, as quais indiciam certa regularidade discursiva do sujeito que reside em Águas Lindas de Goiás.

Nessa perspectiva, temos como objetivo analisar e compreender em que medida certas produções discursivas diferentes, em termos de efeitos de sentido, apontam para um modo de vida próprio de moradores dessa cidade goiana. Para tanto, embasamo-nos na Análise de Discurso desenvolvida por Orlandi (2012 e 2015, por exemplo), para quem o discurso é palavra em movimento. A palavra é afetada pelas condições de produção, de maneira que as cidades e suas representações afetam o que se diz delas e nelas por seus (não) moradores.

Cidades e representações: Águas Lindas de Goiás

De maneira geral, as cidades permitem a produção de diferentes representações, as quais podem se configurar, em termos simplistas, em positivas e/ou negativas. A cidade de Águas Lindas de Goiás é representada, em várias partes do Brasil, conforme já presenciamos oralmente, como lugar perigoso e, portanto, de difícil moradia. Contudo, muitos migrantes que não conseguem se estabilizar em Brasília – lugar de predileção de vários brasileiros que querem melhoria de vida –, estabilizam-se em tal cidade goiana, já que é um lugar de custo de vida acessível em que as casas e os lotes são bem mais baratos se comparados às casas e aos lotes da capital federal.

Águas Lindas de Goiás foi sendo constituída e construída a partir de chácaras que foram sendo loteadas. Por isso, vale destacar que,

no início da década de 1990, o “povoado” que deu origem a Águas Lindas de Goiás – antigo Parque da Barragem, contava com uma população de três mil habitantes. Na contagem de 2007, realizada pelo IBGE, foi verificado um contingente populacional de 132.203 habitantes. O último censo realizado pelo IBGE, em 2010, registrou uma população de 159.378 habitantes (MELLO, 2013, p. 9).

É perceptível que o processo migratório tem sido muito frequente para a cidade supracitada, de modo que já é estimada uma população de mais de 200.000 habitantes no ano de 2017. Essa grande frequência leva tal cidade a ter um crescimento desordenado e, conseqüentemente, a um aumento significativo na violência urbana. Os moradores acabam tendo uma vida, de certa forma, restrita, com o intuito de prezarem o grandioso bem físico, chegando ao ponto de se “prenderem” nas próprias casas, o que é realidade em várias cidades brasileiras. Claro que isso não é regra geral, pois os moradores também aparentam

ter uma vida de forte participação em eventos culturais e em estabelecimentos comerciais da cidade, e mesmo fora dela.

O aspecto visual de Águas Lindas de Goiás, com a maioria das casas sem grandes ornamentos, com várias ruas de terra ou com asfalto precário e muitas calçadas desniveladas, rememora um lugar em que é permitido o despejo daquilo que é resto de outros lugares. A modernidade, em termos de condições favoráveis para moradia, faz-se presente em alguns pequenos pontos dessa cidade. Muitos de seus moradores vivem em condições precárias, de sorte que percebemos a precariedade em diversos outros pontos, configurando-se como um antagonismo estrutural. Podemos exemplificar essa contradição pela existência moderna do Shopping e a falta de urbanização que o permeia: ruas de terra, casas paupérrimas, calçadas intransitáveis, etc.

Águas Lindas de Goiás tornou-se, de certa forma, uma cidade para aqueles que não “couberam” em Brasília, em termos de moradia, sendo de lá expurgados. Nas condições de produção dessa cidade goiana, parece ser possível ratificar a ideia de que tal cidade pode ser considerada como uma espécie de “resto”, levando-se em conta, por exemplo, uma expressão comumente empregada nessas condições: “Vamo pros **canto**?”. Essa expressão é empregada em circunstâncias em que muitos moradores jovens vão sair/passear. Então, “Vamo pros canto?” seria paráfrase de “Vamos sair?” ou “Vamos passear?”. No entanto, a palavra “canto” remete a um lugar escondido e esquecido, isto é, a um lugar pronto para receber aquilo que está atrapalhando. Por outro lado, a “mesma” palavra remete a um lugar especial para receber o consideramos de apreço, como um canto para flores, um canto para oração, um canto para bebidas, etc. Ou, ainda, um lugar onde se fazem “coisas escondidas”, algo que contenha uma conotação sensual/sexual.

Nessa perspectiva, a expressão “Vamo pros canto?” pode remeter a um canto “escanteado” em que certas ações, para serem feitas, precisam ser escondidas, ou a um canto cheio de afeto em que depositamos nossos pertences especiais. Em suma, o que se diz em determinada circunstância indicia algo do sujeito discursivo na relação com seu lugar de moradia/residência.

Análise de Discurso: o sujeito discursivo

O homem, ao dizer, expressa, em alguma medida, seu modo de viver e de ver o mundo, o que indicia qual a relação que mantém com o lugar onde mora, com a sociedade

de uma dada cidade. Isso significa que “(...) o modo de dizer não é indiferente aos sentidos” (ORLANDI, 2015, p. 33). Contudo, os dizeres não pertencem aos lugares, mas mantêm uma relação com eles, de modo que o que se diz em um lugar aponta certas direções de sentido daquele lugar. Por isso, segundo Orlandi (2015, p. 13),

a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.

O modo como o homem diz, configurando-se como sujeito de discurso(s), ou melhor, sujeito discursivo, (re)vela um modo de ser e de estar em uma determinada sociedade. O jogo com os verbos “velar” e “revelar” – “(re)velar” – é para dizer que a Análise de Discurso parte do pressuposto da opacidade da linguagem. Entendemos a opacidade como ausência de transparência. Ao mesmo tempo em que, ao dizer, o sujeito “revela” algo do local em que vive, também “vela” essa relação, uma vez que a linguagem é opaca, isto é, não tem uma relação direta com o mundo.

Nesse sentido, não percebemos inteiramente o sujeito, já que não conseguimos ver com clareza certos e possíveis efeitos de sentido produzidos por toda e qualquer palavra nas mais variadas condições de produção. Entretanto, a Análise de Discurso “(...) permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem” (ORLANDI, 2015, p. 9). É dessa ingenuidade que procuramos nos desvencilhar em nossa análise, a qual se respalda em aspectos teórico-metodológicos da teoria discursiva.

Discurso em método: um passo para a análise

Com o intuito de tecermos um modo de análise para este artigo, tomamos, como parâmetro, o grupo rap, pois sua condição marginal(izada) lhe produz uma posição discursiva específica. Por exemplo: o termo “vagabundo”, nessa posição, aponta para efeitos de sentido diferentes de efeitos com tom pejorativo entrevisto em outras posições discursivas, conforme procuramos discutir logo adiante. No Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2010), a palavra “vagabundo” é abordada da seguinte maneira:

va.ga.bun.do adj. s.m infm. **1** que(m) não trabalha; desocupado, vadio < trabalhador **2** que(m) anda sem destino < sedentário **3** B que(m) age com desonestidade; canalha ■ adj. B 4 de má qualidade < excelente⁶

Notamos que a abordagem em 2 tende a produzir outros efeitos de sentido se compararmos à abordagem em 1 e em 3. Compreendemos que alguém que anda sem destino não necessariamente está desocupado e/ou agindo com desonestidade, por exemplo. Pode ser um vendedor ambulante honesto, um artista de circo honesto, alguém de férias honesto, etc. Além disso, há uma contradição entre as abordagens 1 e 3, visto que alguém desocupado pode, muito bem, ser honesto. Em todo caso, o tom pejorativo prevalece na entrada para o termo “vagabundo”, o que, de certa forma, mostra algo (de) social: quem é “vagabundo” não presta, ou melhor, quem é “vagabundo” presta um desserviço social! Dito de outra maneira, quem é vagabundo é a escória da sociedade e, como escória, é irrelevante, devendo ser desprezado.

No caso do grupo rap, entendemos que a abordagem em 2 tem certa relação com o que é dito no trecho da música “Negro drama”, do grupo de rap Racionais (2006): “se tiver que voltar pra favela / Eu vou voltar de cabeça erguida / Porque assim é que é / Renascendo das cinzas / Firme e forte, guerreiro de fé / Vagabundo nato!”. O termo “vagabundo”, nesse trecho de música, na relação com os outros termos e na relação com a própria posição discursiva, parece apontar para um efeito de sentido relacionado a alguém audacioso e/ou aventureiro, com alguma ocupação marginal(izada), mas não a alguém desocupado, por exemplo, já que é “guerreiro de fé”. São esses outros efeitos de sentido, efeitos diferentes, que nos interessam na análise de três verbos que aparecem no discurso agualindense, quais sejam, “rebolar”, “romper” e “arrochar”, pensando-os na relação com as condições de produção em que emergiram.

Rebolar para viver no romper e no arrochar da aurora: a busca por esperança

É muito comum que moradores de uma determinada cidade trabalhem em outras cidades, visto que, onde residem, não há tantas possibilidades de trabalho. Em Águas Lindas de Goiás, notamos a presença de moradores de várias partes do Brasil, os quais, na ausência de um trabalho efetivo e/ou promissor nessa cidade, tomam “coletivos” (ônibus)

⁶ Os significados das abreviações presentes nessa entrada de dicionário são: “adj.s.m” (adjetivo e substantivo masculino), “infrm.” (linguagem informal), “B” (Brasil, brasileiroismo) e “adj.” (adjetivo). A setinha < significa “antônimo”.

para trabalharem em Brasília. Concebemos que essa mistura de brasileiros, na relação que estabelecem entre si em um mesmo lugar e em termos de trabalho com a capital federal, produz certa regularidade discursiva em seus dizeres.

A princípio, ao depararmos-nos com os verbos “rebolar”, “romper” e “arrochar”, no contexto imediato das condições de produção de Águas Lindas de Goiás, tivemos o ímpeto de associá-los àquilo que, regular e negativamente, se diz sobre essa cidade: um lugar de grande violência urbana. Por isso, os verbos indicariam “somente” a triste relação que o sujeito aguaslindense trava com seu lugar de residência em que é preciso, por exemplo, “romper” pelas ruas, e não simplesmente andar/caminhar com tranquilidade. Entretanto, para além de nosso ímpeto interpretativista, pensamos, juntamente com Pêcheux (2008, p. 53), que “(...) todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (...)”. Todo enunciado é passível de vir a ser outro enunciado. Em outras palavras, conforme Orlandi (2012, p. 60), “a análise de discurso, tal como a trabalhamos, acolhe o jogo entre o estabilizado e o sujeito a equívoco, espaço de deslimites e indistincões”, de sorte que procuramos não nos “colar” ao regularmente posto do senso comum, mas, sim, à regularidade discursiva como produto de análise voltada a efeitos de sentido outros.

Segundo relato de um morador aguaslindense, havia, em um determinado ateliê de costura de Águas Lindas de Goiás, uma mulher esperando para ser atendida pela costureira. A mulher, que se mostrou apressada para ir embora, disse: “Se você não tivé em casa, eu **rebolo** a sacola no seu quintal”. Conforme Orlandi (2015, p. 30), “o que é dito em outro lugar também significa nas ‘nossas’ palavras”, o que quer dizer que, na circunstância em questão, “rebolar a sacola” – independentemente de que sacola e/ou conteúdo se trata – não parece produzir o simples efeito de sentido de “jogar por jogar” ou “jogar de qualquer jeito”, mas de lançar ou arremessar de forma ágil. Isso porque o verbo “rebolar” rememora um movimento corporal de remexer o quadril de maneira artilosa e, por vezes, rápida.

O morador que relatou os dizeres acima também narrou que, em outro momento, no mesmo ateliê de costura, uma das clientes, que estava deixando esse local, despediu-se de outra, a qual ainda ficaria por lá e, por isso, proferiu o seguinte dizer: “Pode ir **rompendo** que depois eu vou”. O verbo “romper”, na sua forma nominal do gerúndio, parece ter como sinônimos os seguintes verbos: quebrar, partir, destruir, entre outros. Se é preciso que alguém “quebre”, “parta” e “destrua”, ou, simplesmente, “rompa”, para além

de somente caminhar, isso parece significar que é preciso andar drasticamente ou bruscamente, ou seja, de uma maneira forte, impactante e rápida. “Rompendo” parece produzir o efeito de sentido de “ir de uma só vez”, o que mostra que, segundo Orlandi (2012, p. 44), “o sujeito, (...) ao dizer, se significa e significa o próprio mundo”. Pode significar seu medo na relação que mantém com seu lugar de residência, mas também pode significar sua esperança por dias melhores nesse mesmo lugar.

Em um dado momento, analisamos que “rompendo” poderia indiciar “apenas” certa pressa em se viver em Águas Lindas de Goiás, devido à representação negativa de periculosidade que se produz para essa cidade. Porém, analisando de outro modo, “rompendo” também pode indiciar certa pressa por dias melhores, já que, por exemplo, milhares de moradores dessa cidade vão de “coletivo” para Brasília a trabalho diariamente, porém, ao conseguirem trabalho na cidade goiana em questão, lugar em que residem, há uma forte tendência a ficarem nela. Então, “rompendo” parece produzir o efeito de sentido de “andando com pressa em busca de esperança por mudança”, uma vez que, afinal de contas, há um processo migratório (in)tenso para tal cidade que condiz com essa busca, tendo em vista que o “simples” ato migratório já se configura como um ato por dias melhores.

É também muito comum, em Águas Lindas de Goiás, segundo relatos de seus moradores, dizer, em situações de refeição, para alguém “arrochar” ou, ainda, em situações que exigem agilidade e rapidez, dizer esse verbo. Em uma residência dessa cidade, o marido perguntou à esposa se a janta estava pronta, e esta respondeu: “Já pode **arrochar!**”. O verbo “arrochar” indicia que o ato de comer deve se dar com intensidade, com vigor, com agilidade, com pressa, com rapidez, entre outras possibilidades de efeitos de sentido. Isso porque é comum o verbo em destaque significar, em uma circunstância que demanda o manuseio de, por exemplo, chave de fenda e parafuso, a ideia de se apertar este com muita força por meio daquela. Em outras palavras, “arrochar” produz, em diferentes outras situações discursivas, o efeito de sentido de apertar com força, como em “arrochar um parafuso na parede”.

Corroborando a análise acima, em uma determinada noite na cidade de Águas Lindas de Goiás, em uma dada residência, na qual estavam presentes os cônjuges (marido e esposa) e seus filhos, a esposa disse ao marido que a janta estava pronta. Ele, então, afirmou: “Vou **arrochar** arroz com feijão!”. Na circunstância da janta mencionada, o verbo “arrochar” parece produzir o efeito de sentido de se comer muito e com pressa.

Então, não é simplesmente se comer arroz com feijão, mas comê-los com muita voracidade e vivacidade, uma vez que é o alimento imprescindível na mesa do trabalhador brasileiro, alimento esse que dá a força mínima para que se continue a vida de trabalho e esperança.

Os verbos analisados aqui por nós, a saber, “rebolar”, “romper” e “arrochar”, na relação com suas circunstâncias enunciativas, parecem mostrar uma relação do sujeito com o próprio surgimento da cidade de Águas Lindas de Goiás e com a própria relação que se trava com a vida nessa cidade, uma vida de pressa por busca de dias melhores, ou melhor, uma vida esperançosa, visto que muitos de seus moradores que têm a oportunidade de saírem da rotina de idas e vindas de “coletivos” para Brasília a trabalho procuram se estabilizar profissionalmente na própria cidade onde moram/residem. Por isso, na tentativa de um tom poético, jogamos com título deste tópico: “rebolar para viver no romper e no arrochar da aurora: a busca por esperança”, isto é, a busca por, em cada amanhecer e anoitecer, uma vida melhor na labuta diária de viagens a Brasília a trabalho, procurando pela estadia “definitiva” em Águas Lindas de Goiás.

Considerações finais

O processo migratório é uma realidade no cenário brasileiro. Basta pensarmos acerca da capital do Brasil, Brasília, em que há uma grande concentração de migrantes de diferentes regiões brasileiras. A diversidade de sujeitos parece trazer consigo não só um modo próprio de ser, mas também um modo próprio de dizer, podendo esse modo próprio de dizer indiciar como uma dada população lida com seu dia a dia na cidade onde reside.

Compreendemos que boa parte da população que veio morar em Águas Lindas de Goiás se incomodou com a vida que tinha na cidade e no Estado em que morava, de sorte a tentar uma vida melhor. Há uma espécie de pressa em se viver indiciada pelos verbos analisados, isto é, uma regularidade discursiva, o que ratifica a ideia postulada por Orlandi (2015, p. 35) de “produtividade”, para quem “a produtividade é reiteração de processos já cristalizados. Regida pelo processo parafrástico, a produtividade mantém o homem no retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz a variedade do mesmo”. Essa variedade aponta para uma “mesma” direção de sentidos, de modo que, pensando na comunidade dessa cidade, uma comunidade repleta de moradores de todos os Estados brasileiros, essa “mistura de gente” aponta para uma busca (em) comum, a busca apressada por dias melhores.

Interessante notarmos que o nome “Águas Lindas de Goiás” tem a ver com a quantidade de nascentes que havia nessa cidade. Historicamente pensando, o homem, em seus processos migratórios, desloca-se para onde há água, a qual é sinal de esperança. O sujeito esperançoso dessa cidade não é o sujeito empírico, mas, sim, o sujeito discursivo, que permite ser vislumbrado pelos dizeres em condições de produção específicas.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que parece haver um grande cansaço relacionado à locomoção dos moradores da “cidade dormitório” – como é conhecida a cidade de Águas Lindas de Goiás –, pois milhares deles apenas vão dormir lá para, no seguinte, irem a Brasília a trabalho. Então, é preciso “rebolar”, “romper” e “arrochar” para a própria (sobre)vivência, manifestando-se esperança por mudança mediante os efeitos produzidos pelos verbos em destaque. O sujeito esperançoso, o sujeito discursivo, é indiciado nos efeitos de sentido produzidos por seus dizeres diferentes. Em outras palavras, finalmente, compete-nos afirmar que a diferença regular produz o sujeito esperançoso aguaslindense!

Referências bibliográficas

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MELLO, Marcelo de. Brasília e Águas Lindas de Goiás: consenso e dissenso na produção de corpos. In: **Ateliê Geográfico**. Goiânia/GO, v. 7, n. 2, ago/2013, p. 213-232.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

Música

Negro drama. Disco: 1000 Trutas. 1000 Tretas. Racionais. 2006.